

COMO DIZER
BABILÔNIA

AMOSTRA
SAFIYA
SINCLAIR

TORDSILHAS

Sumário



I

PERIQUITO-AUSTRALIANO

1.	O Homem que Queria Ser Deus	8
2.	Reino da Esplendecência	16
3.	Filha de Pescador	24
4.	Mulheres Impuras	43
5.	O Melhor Está por Vir	51
6.	Revelações	69
7.	Como o Galho se Dobra	82
8.	Enquanto a Galinha Está Feliz, o Falcão Está de Olho	91
9.	Hídra	102
10.	Tempo de Maravilhas	114
11.	Mariposa em Âmbar	118

II

MEDUSA

12.	Eurídice	128
13.	O Cinto Vermelho	141
14.	Falso Ídolo	153
15.	Livro de Esther	164
16.	Não é Hollywood	174
17.	Pelo Fogo	183
18.	Prata	195

III
BRAVURA DE UM LEÃO

19. Galateia	204
20. Dança de Salomé	215
21. Indo Embora de Sequestra	226
22. Covil	237
23. Jezabel	249
24. Arauto da Babilônia	258

IV
SEREIA

25. Filha de Lilith	272
26. A Porta Vermelha	286
27. Ifigênia	295
28. Coruja Caburé	309
29. Eu, Mulher	323
<i>Agradecimentos</i>	331
<i>Nota da autora</i>	337
<i>Notas sobre a História do Rastafári</i>	339
<i>Sobre a autora</i>	341



AMOSTRA

I

PERIQUITO-AUSTRALIANO

Uma gaiola partiu à caça de um pássaro.

— FRANZ KAFKA

AMOSTRA

1

O Homem que Queria Ser Deus

*Buscai na África a coroação do
Rei Negro, ele será o Redentor.*

— MARCUS GARVEY



Antes da música, veio a chuva. Familiar e impiedosa, sua enxurrada caía com força e sem sinal de trégua, caindo por horas sobre as cabeças dos cem mil irmãos rastas que haviam invadido o Aeroporto Palisadoes de Kingston, aguardando desde o primeiro clarim da alvorada tingida de vermelho, rezando para a tempestade finalmente cessar. Alguns vieram descalços, outros de muletas, já outros chegaram na carona de caminhões com suas famílias e tribos inteiras; fartas cabeleiras de dreadlocks emolduravam os rostos, livres ou amontoados em coroas sobre a cabeça, e por todo lado havia uma grande profusão de barba negra crescida e um alto ulular de línguas. Cada um era motivado por um propósito maior, de irmão para irmão, e o mar de fiéis se estendia para além do alcance da visão. Enquanto alguns rastas se apinhavam na galeria superior do aeroporto para ter uma vista melhor, os grupos mais espertos escalavam as torres de controle de tráfego aéreo e os andaimes, outros escalavam flamboiãs, sacudindo cada flor e folha por conta do entusiasmo. Os rastafáris empurravam perigosamente as barricadas da Babilônia, lançando olhares cautelosos para os policiais armados com baionetas enquanto balançavam os dreadlocks para dispersar a chuva forte. Com esperanças eletrizantes, eles observaram o céu à espera do primeiro vislumbre do avião etíope que trazia o homem que acreditavam ser um deus vivo, o imperador Haile Selassie.

Nesta manhã chuvosa de abril de 1966, o primeiro-ministro interino e sua equipe observaram a cena diante deles, incrédulos. Pairando sobre a multidão reunida



como se fosse sua própria atmosfera inebriante, uma densa névoa de fumaça de ganja permeava o ar. Os ministros esperavam que alguns rastas aparecessem, mas não imaginavam que todos os rastafáris da ilha lotariam o aeroporto, cada um com um visual único. Nunca antes um visitante na Jamaica foi tão bem recebido; nem mesmo líderes importantes ou celebridades; nem mesmo a Rainha Elizabeth II, que esteve aqui há apenas um mês, foi saudada com tamanha festa. A delegação do ministro havia estendido um tapete vermelho para o imperador etíope e reservado assentos especiais para os VIPs, ocupados agora por membros despreocupados do rastafári, com os pescoços virados para o céu, observando o céu trovejante. A delegação também havia preparado uma cerimônia elegante para o imperador. Porém, os rastafáris eram muito mais numerosos que os policiais, numa proporção de mais de dez para um. Consigo imaginar o desespero deles, tentando decidir como improvisar uma recepção diante da presença barulhenta e desorganizada desses malucos, gritando decretos ininteligíveis sobre Jesus ser um rastafári.

Essa multidão errante de rastafáris veio de tão longe quanto o ponto mais ocidental de Negril, das praias de Lucea e Savanna-la-Mar, das margens do rio Milk e rio Black, de Oracabessa e das vilas remotas ao leste perto de Port Antonio e Morant Bay, das colinas verdejantes de Cockpit Country e das encostas escavadas das montanhas de Clarendon; alguns viajaram centenas de quilômetros das costas marítimas de Ocho Rios e Montego Bay. Vestidos com trajes dignos de encontrar sua divindade, os fiéis estavam adornados com vestimentas sagradas, envolvidos dos pés à cabeça em tons vibrantes de vermelho, dourado e verde da bandeira etíope, o símbolo adotado pelo rastafarianismo, usado pelos irmãos rastas em vestimentas *dashikis*, gorros encharcados pela chuva e insígnias militares, e pelas irmãs rastas vestidas de branco até o tornozelo, com lenços coloridos e turbantes com franjas. Apesar do tempo, continuaram a balançar devotadamente folhas de palmeira e a dançar, como se estivessem em transe. De vez em quando, levantavam retratos de Sua Majestade Imperial, pinturas gigantescas cuidadosamente feitas de sua coroação, ou representações de passagens da ressurreição de Cristo registradas nas escrituras como evidência da legitimidade de Haile Selassie. Muitos ergueram faixas e cartazes com mensagens para o seu Messias:

DAMOS AS BOAS-VINDAS AO NOSSO DEUS E REI

LOUVADO SEJA O SENHOR UNGIDO, O GRANDE FILHO DE DAVI

A TI CLAMAREI, TODO-PODEROSO

JAH VEM PARA ROMPER A OPRESSÃO E LIBERTAR OS CATIVOS



Era possível escutar vozes entoando os salmos do rastafári, ao mesmo tempo que o batuque forte dos tambores reverberava por todo o aeroporto. De vez em quando, um grito de *Jah! Rastafári!* irrompia da multidão, provocando um eco de gritos de *Jah! Rastafári! Jah! Rastafári!* que estouravam e se propagavam entre os presentes como uma onda. Os respeitados anciãos rastas da Casa de Nyabinghi tocaram o abeng, a corneta de guerra curva, o instrumento sagrado dos Maroons não subjugados que enfrentaram e derrotaram tanto os colonizadores espanhóis quanto os britânicos. Os urros das cornetas estremeceram o ar quente e úmido.

Esses eram os oprimidos e humilhados da nação; proscritos e perseguidos desde a criação do movimento rastafári em 1930, quando um pregador de rua visionário chamado Leonard Percival Howell respondeu ao chamado de Marcus Garvey: “Buscai na África a coroação de um Rei Negro”, que seria o mensageiro da libertação negra. Howell seguiu a senda de Garvey de volta para a Terra Mãe e encontrou Haile Selassie, o imperador da Etiópia, a única nação africana que nunca foi colonizada, e declarou que Deus havia reencarnado e caminhado entre eles na forma de um homem negro, nascido Ras Tafari Makonnen. Desse homem, surgiram tanto o mito quanto a montanha, uma mudança cultural sísmica que fez dos rastafáris uma ameaça colonial duradoura. Foi um movimento que se consolidou numa crença militante pela independência dos negros, inspirada no reinado de Haile Selassie, um sonho de libertação que só se concretizaria ao romper as correntes da colonização e unir a diáspora africana. Embora o movimento rastafári fosse pacífico, seus membros eram vistos como a ovelha indesejada da nação, eram temidos e desdenhados por uma sociedade cristã ainda sob domínio britânico, sendo forçados a viver na periferia como párias. Esses eram os despossuídos de sua terra e seu lar, que tiveram seus acampamentos saqueados, suas plantações queimadas por um governo a serviço da Coroa. Quando Howell fundou a Pinnacle, a maior comunidade rastafári já existente e uma sociedade pacífica e autossustentável, o governo britânico a destruiu, sufocando a mensagem de união e independência negra do movimento. Eram os desempregados e sem chances de conseguir emprego, sempre vítimas da violência e brutalidade estatal, aqueles que o governo encarcerava e raspava o cabelo à força, os que eram brutalmente espancados pela polícia. No ano de 1963, quando um grupo de rastas se recusou a entregar as terras agrícolas em que moravam para apropriação do governo, Alexander Bustamante, o primeiro-ministro branco da época, ordenou ao exército: “Tragam todos os rastafáris, mortos ou vivos!” Isso desencadeou uma operação militar devastadora em que comunidades rastas foram queimadas por toda a ilha durante um fim de semana de terror, onde



mais de 150 membros foram arrancados de suas casas, presos e torturados, e um número desconhecido de rastas foram mortos.

Por décadas, foram difamados e chamados de bicho-papões, lunáticos, de monstruoso Homem de Coração Negro — uma caricatura sanguinária criada para assustar crianças e mantê-las longe do rastafári. Eles foram despejados de suas moradias, renegados por suas famílias, impedidos de entrar em todos os lugares. Então, quando os rastafáris leem os relatos bíblicos da perseguição e da luta judaica, eles enxergam um sofrimento semelhante à sua própria tribulação. Dos salmos do exílio judaico veio o nome que os rastafáris deram ao estado racista sistêmico e às forças imperiais que os haviam perseguido, caçado e oprimido: Babilônia.

Babilônia era o governo que os tinha proscrito, a polícia que os tinha espancado e matado. Babilônia era a igreja que os tinha condenado ao fogo do inferno. Era a bota do estado pressionando-lhes o pescoço, a pistola do político apontada para a barriga. O açoitado da Coroa nas costas. Babilônia eram as forças sinistras e violentas provenientes da ideologia ocidental, do colonialismo e do cristianismo que resultaram na escravidão e na opressão centenárias dos negros, e na corrupção das mentes negras. Era a ameaça de destruição que rondava, até mesmo nos dias atuais, todas as famílias rastas.

Porém, hoje, Babilônia não conseguiria deter os rastafáris. Hoje, a comunidade avançava com um fervor de esperança. Eles vieram para serem ouvidos, para serem vistos, para serem legitimados. Hoje, vieram para testemunhar Deus encarar Babilônia de frente.

Em contraste insolente com os ternos engomados e os acessórios de pérolas da delegação de boas-vindas de Kingston, e em desobediência aos apelos por decoro do governador-geral e do primeiro-ministro interino, os rastas continuaram a dançar e cantar. Bradavam:

Quando Deus vier, a chuva vai cessar! Quando Deus vier, a chuva vai cessar!

Todos mantiveram uma vigília devota ao céu escurecido, aguardando a chegada do avião.



Segundo o folclore rastafári, o que aconteceu em seguida foi repentino. Como um vento abrasador saindo do Éden, sete pombas brancas irromperam das nuvens, e atrás delas surgiu a primeira ponta prateada do avião. O avião era branco e tinha uma faixa vermelha, dourada e verde, com o emblema do Leão de Judá rugindo estampado no centro. Quando o primeiro raio de sol refletiu no avião do imperador

que se aproximava, iluminando todo o céu de Kingston, a chuva cessou no mesmo instante, e na pista de pouso do aeroporto, explodiu um rugido ensurdecido de pandemônio.

Como um brado de batalha retirado de um poema épico, um uivo carregado de vozes ecoou pelo aeroporto enquanto homens atropelavam soldados atônitos em um tumulto chuvoso. Os rastafáris arrasaram a área VIP e pisotearam o tapete vermelho do primeiro-ministro com pés sujos de lama enquanto tentavam conseguir uma visão mais próxima do avião pousando. Com os corações batendo forte e uma sensação de leveza na cabeça de tanta irrealidade, eles dançaram como se a vida tivesse começado só a partir daquele momento. Todo mundo falava em línguas, entoando cânticos fervorosos, impulsionados por saliva e devoção: *Louvido seja o Homem!*, *Cordeiro de Deus!*, e *Agora é a vez do homem negro!* O dia deles havia chegado. E quando as rodas do avião enfim tocaram o chão, cem mil rastafáris invadiram a pista, correndo embaixo e pelas laterais do avião em movimento, sem se importar com as rodas ou as hélices ainda girando. Eles se ergueram com um propósito único, em peregrinação fervorosa, de cercar e esmagar o pássaro prateado por todos os lados, ávidos por uma oportunidade de tocar a mão negra de Deus.

Devotos cercaram todos os lados do avião.

— Deus está conosco. Me deixe tocar a barra de seu manto — suplicaram.

Foi o mais próximo que eles já estiveram de Sião, o nome usado pelos rastafáris para se referir tanto à promessa de liberdade quanto à terra da África, que acreditavam ser seu destino de repatriação. Os rastafáris se apoiavam na roda do avião do imperador, fumando maconha de enormes cálices, entoando: *Veja como Deus para a chuva! Veja como Deus para a chuva!* Temendo por sua segurança, Haile Selassie, então com 74 anos, não desembarcou do avião e ficou esperando na pista por quase 45 minutos. Alguns rastas começaram a ficar inquietos, com dúvidas. Incapaz de persuadir Haile Selassie a desembarcar e preocupado com a segurança do imperador, o primeiro-ministro não teve alternativa senão recorrer à ajuda de um líder rastafári, Mortimer Planno, que entrou no avião com as mãos tremendo. As palavras trocadas entre Planno e Sua Majestade são mantidas em segredo, como um artefato perdido. Planno voltou e implorou à multidão que se acalmasse.

Por fim, a porta do avião do imperador se abriu. Quando Haile Selassie finalmente apareceu à porta e contemplou o mar de fiéis gritando diante dele, chorou.



Os irmãos, irmãs e crianças rastafáris vibraram e acenaram, apesar de estarem com os olhos cansados, enquanto Sua Majestade Imperial descia as escadas do avião e acenava de volta, com graça, sua mão movendo-se com leveza. No último degrau, em vez de descer e pisar no tapete vermelho meio limpo que conduzia ao comboio à espera, Haile Selassie preferiu pisar no chão enlameado de Kingston. Foi o suficiente para os rastas explodirem em aplausos ensurdecedores e cantos de *Jab! Rastafári! Louvado seja o Homem!* Para eles, isso foi uma prova evidente de sua humildade, já que seu primeiro passo em solo jamaicano foi no mesmo chão em que pisaram, e não no tapete vermelho da Babilônia.

A escritura, no fim das contas, escreveria-se por si só. Entre a multidão que esperava a chuva do dia na ilha estava uma jovem cantora chamada Rita Marley, que passou o dia todo rezando por um sinal da divindade do imperador. Quando o comboio de Haile Selassie passou por ela na rua lotada de Kingston, ele olhou diretamente nos olhos dela e a cumprimentou com um menear de cabeça, enquanto acenava com a mão, onde ela viu a marca de um estigma negro no centro de sua palma.

— É ele mesmo! — gritou ela. — É Ele!

Quando o marido dela, Bob, voltou alguns meses depois de Delaware, onde estivera visitando a família, ela já tinha deixado crescer os dreadlocks e os dois embarcaram juntos em um caminho de devoção diligente ao rastafári, acreditando que deveriam espalhar a mensagem de Sua Majestade Imperial por meio da música.

Assim se deram as bênçãos do Deus vivo, Sua presença fazendo-se sentida em Kingston ao longo do cortejo, onde por todo o percurso a multidão de espectadores se misturou ao fluxo de veículos, manifestando uma miríade de evangelhos e bons e velhos contos folclóricos jamaicanos. Cada relato era mais impressionante que o outro, com sinais e prodígios a serem percebidos em cada ação. A mais infame foi a história do que os rastas acreditavam serem caixões em miniatura disfarçados de caixas de charutos que Haile Selassie deu à delegação do primeiro-ministro — evidência do decreto de que a *Babilônia deve cair* — em contraste com as sete medalhas de ouro com as quais ele presenteou os líderes rastafáris: uma prova óbvia de sua aprovação a eles. Ainda mais peculiar foi a crença fervorosa de que foi a caixa de charutos do imperador que causou a morte subsequente do primeiro-ministro interino, um ano depois, por hemorragia cerebral.

Quando o imperador, que seguia a fé ortodoxa cristã, enfim se reuniu com os líderes rastafáris, ele foi objetivo em dizer que não se considerava Deus. Porém, sua mensagem, em vez de desencorajá-los, foi amplamente interpretada pelos rastafáris

como uma prova irrefutável de que ele era de fato um deus vivo, porque somente Deus seria capaz de demonstrar tamanha humildade. Somente o próprio Deus negaria Sua divindade. Em algum lugar na última parada ferroviária do imperador na cidade de Montpelier, no interior onde meu pai nasceu, eu imagino o rádio de seu vagão tocando a melodia dissonante que será o reggae. No percurso, talvez o imperador tenha contemplado a própria identidade e o próprio papel na extensa garra da história, viu-se preso entre a responsabilidade de ser o herdeiro da dinastia de Salomão e a genuína liberdade de ser o Escolhido como Messias. O que significava, afinal, ser a resposta viva para a delicada questão da sobrevivência negra?



Viajando em alta velocidade com Haile Selassie pelo interior da Jamaica, minha trajetória de vida faz uma volta. Imagino o imperador calado, observando do vagão real do nosso extinto trem de passageiros, passando pelas cidades verdejantes e em ruínas do interior da ilha, exuberantes e paradisíacas, surpreendendo-se ao ver sua própria imagem pintada nas casas modestas, nos muros das escolas, seu leão dourado rugindo inesperadamente em outra humilde barraca, e depois em outra. Conforme eu crescia, seu semblante sério e calado se tornaria tão familiar para mim quanto o de um avô. Seu retrato seria adornado com ouro e glorificado nas diversas casas alugadas durante a minha infância, cada aspecto da vida dele mais familiar para mim do que uma prece. Como ele parecia sereno, esse homem cuja vida desmancharia minha família. Correndo com o homem que viria a ser Deus, numa ferrovia que não existe mais, em um país que alojava sua dor profunda em mim — o momento é efêmero, ilusório. Eu também estou à procura de um sinal.

Antes de meu pai passar a acreditar que era Deus, um sujeito chamado Haile Selassie caminhou por aqui, entre as mesmas samambaias-estrelas-azuis que ele, seguindo aquele único acorde melancólico entre a constância da rocha e o tilintar do rio rural. A passagem de Haile Selassie, por fim esquecida pela maioria dos jamaicanos, conduziria uma geração de irmãos rastas a criar evangelhos inteiros em nome do imperador, e meu pai se tornaria o mais devoto entre eles. E ainda que fosse apenas um garotinho na visita do imperador, a influência de Haile Selassie se consolidaria firmemente nele, alterando irreversivelmente o curso de sua vida, e também da minha família. Muito tempo depois que o imperador embarcou em seu avião sagrado e acenou para as multidões que aplaudiam, ele permaneceu conosco. A mensagem dele permeou as folhas úmidas e as palmeiras salgadas da minha juventude, crescendo até ele se tornar um colosso, adentrando o mar onde



minha mãe nasceu, onde eu nasci. Muito tempo depois de seu próprio povo ter se rebelado contra ele em um golpe, ele ainda permaneceu aqui, no aeroporto ao lado do pequeno povoado de pescadores de White House, onde minha família fez sua primeira morada. A chama dele ardia intensa no meu pai, que reinava como o deus supremo de todo o nosso território, que dormia com um olho atento à minha pureza e a mão em seu facão preto, pronto para aniquilar Babilônia se ela se atrevesse a chegar perto.



AMOSTRA

2

Reino da Esplendecência

Nós morávamos à beira-mar até eu completar cinco anos, no nosso pequeno vilarejo de pescadores chamado White House, que pertencia aos pescadores da família da minha mãe, o avô e o pai dela. Escondida um pouco além das expectativas estereotipadas da Jamaica retratada em cartões-postais, ficava nossa comunidade à beira-mar, um modesto povoado envolto por uma muralha de árvores retorcidas pelo vento e blocos de cimento dispostos de forma desordenada, com pouco mais de meio quilômetro de areia quente tingida pelo nosso cotidiano e que se infiltrava entre os dedos dos pés descalços, reluzindo a quase trezentos metros em todas as direções até o mar. Nosso vilarejo era uma preciosidade escondida, impossível de se ver lá de cima, a não ser que você soubesse bem onde encontrar aquele pontinho azul de barracos, e em terra era mais difícil do que procurar agulha no palheiro. Descendo por uma travessa um tanto deteriorada, envolta por arbustos de hibisco e árvores de flamboiã que batiam no teto do carro, ficava o nosso cantinho escondido, batizado em homenagem à casa do meu bisavô, que ele mesmo pintou de branco quando chegou a essa praia há quase um século. Aqui não tinha aquela propaganda bonitinha de um paraíso “Livre de Problemas”, nem coquetéis de boas-vindas, nem mordomo negro sorridente. Essa era a minha Jamaica. Aqui, o tempo corria devagar, com cautela, e um pescador envelhecido, um avô ou um tio, talvez até levantasse um chapéu de palha da vista para te cumprimentar.

Neste lugar, minha mãe e eu demos nossos primeiros suspiros de ar salgado e medimos nossas estações pela brisa do mar. Da entrada do vilarejo, em certos ângulos, a visão do mar era obstruída por pequenas casas de madeira, não mais do que trinta ao todo, construídas com modéstia pelos homens que moravam e morreram aqui. Minha família dividia cômodos apertados e entendia o dialeto sutil dos sonhos uns dos outros. Embaixo de um telhado de zinco segurado por tábuas arenosas e pregos enferrujados pela maresia, morávamos na casinha de três quartos que meu avô havia construído com as próprias mãos. Eu dividia um quarto com



meus pais e meu irmão Lij, dois anos mais novo do que eu, e nós quatro dormíamos na mesma cama, enquanto minha irmãzinha recém-nascida, Ife, quatro anos mais nova, dormia ao nosso lado num cercadinho usado. Minhas tias Sandra e Audrey dividiam um quarto com minha prima, enquanto meu avô e sua namorada de dezenove anos dormiam com suas três filhas pequenas em seu próprio quarto. Em algum canto desta casa, ou da adjacente, foi onde minha mãe deu seu primeiro choro, e minha avó, seu último.

Era nessa orla cheia de tralhas que meus tios amarravam seus barcos, feitos à mão e pintados com cores vibrantes, com nomes como *Glória do Mar*, *Estrela da Manhã* e *Boas Vibrações*. Na maioria das manhãs, eu ficava horas observando enquanto eles consertavam suas redes feitas com tela de galinheiro, limpavam baldes cheios de peixe para vender, ou os arrumavam em grandes blocos de gelo para assar mais tarde numa fogueira de carvão. Nosso quase um quilômetro de mar muitas vezes alimentava todo o vilarejo — pescadores puxavam redes pesadas e cintilantes, cheias de tartarugas marinhas, tubarões-anões, peixes luciano-do-golfo, peixes-serra e de carne doce de enguia. Pessoas de toda Mobay — nossa alcunha para Montego Bay — vinham comprar peixe, gritando e pechinchando nossos tesouros fresquinhos do mar nesse mercado improvisado. Depois vinha o cavucar magro dos famintos e curiosos: crianças, patos e vira-latas atrás de um osso, um pedaço de carne, uma cabeça de peixe para roer. Quando o cheirinho da comida atravessava as paredes de madeira e os assoalhos de todas as casas, os moradores se reuniam em volta do caldeirão, com água na boca.

Sempre que as irmãs da minha mãe passavam por momentos difíceis, ou uma delas engravidava, elas voltavam das cidades quentes do interior para a praia, apinhando-se na casa sempre quente com o piso de vermelhão encerado que manchava meus pés descalços, nossa respiração acompanhando o ritmo das ondas lá fora. Não tínhamos eletricidade nem água corrente. Dadas as condições das casas afetadas pelo vento e da praia precária, encanamento interno era um luxo, então nenhuma das casas do vilarejo tinha banheiros. Em vez disso, todos os moradores compartilhavam uma latrina comunitária, a cerca de trezentos metros da casa mais distante. Crianças não podiam usar a latrina, já que corríamos o risco de cair nela, então cada um de nós estava incumbido de ter um penico de plástico em casa e esvaziá-lo no mar toda manhã. Meus pais tomavam banho do lado de fora na areia em um chuveiro comunitário construído às pressas com madeira compensada descartada, enquanto meus irmãos e eu tomávamos banho no quintal, em bacias colocadas ali perto, ao lado de um hidrante.

O mar foi o primeiro lar que conheci. Aqui passei minha infância em um estado de alegria desenfreada, deitada sob as amendoeiras alimentadas pela salinidade, saboreando cada olho de peixe como se fosse uma guloseima preciosa, meus dedos dos pés mergulhados no balanço suave do mar. Procurei caranguejos ermitões na areia rasa, brinquei na beira molhada onde as arraias se enterravam para se refrescar. Dormi sob a sombra das uvas-da-praia, cujos frutos maduros caíam roxos e deliciosos do pé, prontos para serem chupados. Esbaldei-me em amêndoas e coco fresco, bebendo a água de coco doce por um buraco que minha mãe abria com o facão, raspando e comendo a polpa úmida até ficar cheia. Todo dia minha alegria era um vestido novo que minha mãe tinha costurado para mim à mão. Ela e as irmãs tinham uma risada característica que ressoava como sirenes alegres por onde quer que fossem, produzindo sons estridentes que avisavam o vilarejo inteiro que estavam juntas. Toda vez que as irmãs se sentavam juntas na praia para conversar, eu me agarrava aos seus tornozelos e ouvia, imitando os risinhos selvagens, dos quais nem mesmo as garças voando lá no alto conseguiam escapar.

Nunca amei tanto um lugar como este. À noite, minha mãe lia para mim à luz de uma lâmparina a querosene, na qual eu, teimosa e propensa a acidentes desde que nasci, muitas vezes queimava as mãos. Cada cicatriz em meu corpo se tornou um lembrete constante do que foi perdido, do que nunca mais voltaria — a cicatriz sem pelos na minha sobrancelha esquerda que ganhei ao cair da cama estreitinha que dividia com meus pais, a queimadura na têmpora causada pelo repelente de insetos espiral que estava aceso e derrubei na minha cabeça, as picadas de mosquito que se transformaram em feridas enormes e coçantes, marcando minhas pernas, ou minha boca sensível, ferida após uma queda no concreto pavimentado, no qual o dente perfurou as gengivas. Por vários meses, minha mãe mastigou toda a minha comida e me alimentou diretamente de sua boca, como um passarinho.

— Você nasceu sensível demais para este mundo — afirmou ela, enquanto eu chupava o dedo e mexia em seus dreadlocks compridos, ouvindo o barulho das ondas.



Meu pai não cresceu no litoral, então nunca se sentiu à vontade na White House. Ele era um homem que convivia com pescadores, mas não comia peixe, seguindo à risca uma existência rasta ascética: não bebia, não fumava, não comia carne nem laticínios, seguindo todos os preceitos daquele estilo de vida altamente restritivo dos rastafáris chamado Ital. Já aos 26 anos, sua barba espessa e seus dreadlocks